

PREFÁCIO

As páginas deste livro apresentam meditações sobre o mistério da comunhão de amor entre as Pessoas divinas. Mistério que nos toca, nos transforma e nos assume em si. Mistério insondável nas suas profundidades, mas no qual nos é possível fixar o olhar, porque o Senhor Jesus Se fez para nós Caminho e Porta.

Estas meditações provêm de um curso de exercícios espirituais, e pretendem ajudar a lembrar a inefabilidade dos «Três» nas vicissitudes concretas da nossa existência humana. Mas há o risco de as duas dimensões serem consideradas por muitos paralelas, ainda que na realidade sejam inseparavelmente unidas. O Deus Uno e Trino, o *totalmente Outro*, é, na verdade, Aquele em Quem vivemos, nos movemos e existimos (cf. At 17,28). A contemplação do mistério trinitário revela-se, portanto, como um meio eficaz para iluminar a nossa vida e converter-nos a Deus, porque não existe verdadeira contemplação que não seja também transformação da vida.

Este itinerário reflexivo aviva-se com a contemplação do ícone da Trindade de Andrei Rublêv, fixando nele os olhos e o coração, que assim são continuamente convidados a vislumbrar a janela que se abre diante da eternidade de Deus, lugar ao qual Deus nos convoca para entrar em diálogo com Ele.

A atenção fixa-se, portanto, sobre cada um dos Rostos do Pai e do Filho ao serem apresentados através

de algumas parábolas evangélicas, da mesma maneira que outras páginas e passagens da Escritura, unidas a imagens recorrentes da tradição cristã, nos ajudam a levantar o véu que nos esconde o rosto do Espírito.

Não podia faltar, no final do itinerário contemplativo sobre o mistério dos «Três», a figura de Maria, *uma mulher no coração da Trindade*, aquela que tornou possível que nós víssemos, tocássemos e ouvíssemos o mistério do amor trinitário. O trecho evangélico evocado é o da anunciação, que nos põe perante a revelação do mistério da Trindade, ou seja, do projeto eterno que ganha consistência e corpo. É um trecho que nos provoca, para que reviva em nós a mesma e total disponibilidade, a mesma entrega confiante de Maria nas mãos de Deus, para nos encontrarmos com ela «dentro» da Trindade, experimentando, ao mesmo tempo, que a Trindade está em nós. Descobrirmo-nos assim, com a alegria e o espanto infinitos de que nós somos o quarto comensal na mesa dos «Três» a ocupar aquele lugar livre, é um convite para fazermos parte da Vida trinitária.

O estilo das meditações atraiçoa a linguagem falada através da qual foram pensadas e transmitidas: neste sentido, talvez, poderá resultar menos linear a exposição, embora mais imediata e atenta à forma expressiva. Desejo, porém, que ajudem a dirigir o olhar do coração para o Mistério do amor trinitário para conosco, a fim de que a nossa existência seja cada vez mais plasmada e transfigurada.



O ÍCONE, JANELA ABERTA SOBRE O MISTÉRIO DE DEUS TRINDADE (I)

Permanecer e orar diante de um ícone

O que quer dizer permanecer e orar diante de um ícone? O ícone, na tradição espiritual do Oriente cristão, torna presente o que está representado, ou melhor, torna presente a pessoa que está representada. Aquilo que o Evangelho e a Escritura são para a palavra, o ícone é-o para as cores e os símbolos. Como a Escritura faz presente o Senhor através da palavra, o ícone faz presente o Senhor ou os mistérios da vida do Senhor através das cores e dos símbolos. Quando nos encontramos diante de um ícone, encontramos-nos diante não apenas de uma representação ou de uma imagem: estamos sobretudo diante de algo que é mistério, porque marca a passagem do visível ao invisível, do que vemos àquilo que não vemos, do mistério que está representado no próprio mistério e que, ao mesmo tempo, nos ajuda a empreender essa passagem.

O vocábulo ícone deriva de uma palavra grega, *eikon*, que significa «imagem». Todavia é mais do que uma imagem: é uma janela aberta sobre a eternidade, um lugar de encontro com o mistério. Quando nos dispomos a olhar um ícone pensamos numa janela que se abre sobre a eternidade de Deus e para o lugar que Deus nos indica para entrarmos em diálogo com Ele.



São Paulo, em 2COR 3,18, sugere-nos um itinerário de oração contemplativa diante de um ícone. Diz em quatro sucessivas passagens que somos chamados a contemplar sem véu, como num espelho, a glória do Senhor, transformando-nos nessa mesma imagem. Consideremos mais de perto estes momentos.

Contemplar sem véu. Não se pode ver a Deus se o olhar do coração estiver impedido; não se pode olhar um ícone e passar deste olhar à oração contemplativa se existir o véu do pecado e da distância de Deus no nosso coração.

Como num espelho. Observando um ícone passamos do visível ao invisível, ou seja, vamos daquilo que está representado até ao modelo que ali está figurado; passamos das cores e dos símbolos que exprimem Deus ao real mistério de Deus que de certa forma está ali expresso. O ícone é para nós como um espelho da eternidade de Deus.

A glória do Senhor. O final desta oração contemplativa sobre o ícone é a imersão na beleza de Deus. Sempre que nos colocamos diante de um ícone pedimos que nos seja revelado algo novo do belíssimo e fascinante mistério de Deus.

Transformamo-nos nesta mesma imagem. A verdadeira contemplação só existe quando se dá a transformação da vida, exatamente segundo o sentido daquela imagem que contemplamos. O ícone tem uma pretensão: assemelhar-nos, nós próprios, àquela imagem com a qual entramos em relação espiritual.

Assim, seguindo o ensinamento do Apóstolo Paulo, tentemos permanecer em oração contemplativa diante do ícone da Trindade de Rublêv. É claro que o devemos fazer com o olhar límpido e puro, considerando que

temos uma janela aberta sobre o mistério trinitário, que aquele ícone nos quer fazer descobrir algo do mistério da Trindade de Deus, e que a finalidade desta contemplação é a nossa transformação na Trindade de Deus e a habitação em nós da própria Santíssima Trindade.

O horizonte trinitário

Há vários motivos pelos quais quis dar um horizonte trinitário a esta reflexão.

A nossa fé é trinitária e, de certo modo, toda a nossa vida é trinitária, pois nem a conseguimos explicar suficientemente senão no mistério da Trindade.

Quando, porém, nos aproximamos da Trindade não ficamos satisfeitos apenas com uma parte, mas desejamos entrar em relação com todo o mistério de Deus.

Com o fervor de Santa Teresa do Menino Jesus, parafraseando um seu escrito, dizemos também nós ao Senhor: «Eu quero tudo de Ti, não me contento só com uma parte ou com algumas migalhas do teu mistério: quero entrar em todo o teu mistério.» Ousemos ter esta audácia, a audácia dos enamorados.

Encontrar-se com o mistério trinitário é, realmente, encontrar-se com aquele Deus que conhecemos e amamos, mas que devemos conhecer sempre mais. Quanto mais conhecermos e amarmos, mais amaremos e mais conheceremos: este é um círculo vital pelo qual Deus é sempre novo na nossa vida. Entrar no mistério da Trindade ajudar-nos-á a rever a nossa ideia de Deus, o nosso conhecimento de Deus, o nosso pensamento

sobre Deus: numa palavra, Deus surpreender-nos-á uma vez mais.

A nossa vida anseia, consciente ou inconscientemente, pelas fontes da vida, que são precisamente as três Pessoas da Santíssima Trindade.

No Ofício de Leituras encontramos um hino no qual rezamos assim: «Ó Trindade beata, oceano de paz, sarça inextinguível de verdade e de amor.» Trata-se de um belíssimo texto graças ao qual damos voz à ânsia constante do nosso coração.

Queremos aqui lembrar também a estupenda oração composta por Santa Isabel da Trindade: «Ó meu Deus, Trindade que adoro [...] que em cada instante me conduzes cada vez mais para dentro das profundidades do teu mistério! Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, infinita Solidão, Imensidão em que me perco.» «Ó meus Três»: espero mesmo que esta expressão tão querida de Santa Isabel seja também o nosso modo confidencial de nos dirigirmos a Deus Trindade.

Se a nossa vida suspira pelas fontes da vida e pelo mistério de Deus, também suspira pela compreensão do nosso mistério.

É vocação típica do homem procurar entender-se a si mesmo. Também por isso a Trindade tem uma força de atração misteriosa sobre nós, porque é na Trindade que compreendemos completamente quem somos, para onde vamos e porque vivemos. É aí que vivemos, aí está escrito todo o sentido do nosso caminhar. Lembremo-nos: neste preciso momento estamos a viver no coração da Trindade.

Num escrito da Madre Mectilde de Bar encontra-se esta passagem muito bela:

Já há mais de trinta anos que me impressionam as palavras de um autor que afirma que se fôssemos verdadeiramente penetrados pela majestade de Deus e se estivéssemos na sua presença, sentiríamos estar a cometer uma imodéstia muito grande quando desviássemos o olhar para ver o que está à nossa volta.¹

Nestas palavras impressionou-me a surpresa da Madre Mectilde. E talvez ainda hoje ela ficaria surpreendida com qualquer um de nós de cada vez que desviássemos o nosso olhar do mistério trinitário. *Que existirá de mais belo e fascinante que este mistério?*² O que valerá todo o resto, em consideração a este mistério, para nele pormos os olhos, o coração, o interesse, o desejo?

Dizia a Madre Mectilde, sempre no mesmo escrito, que *a festa da Trindade é a festa do nosso íntimo*, porque no nosso íntimo habita a Trindade. Comecemos a viver deste modo estas meditações: como uma verdadeira e real festa do nosso íntimo.

Santo Agostinho, quando contemplava a beleza da criação, entusiasmava-se com ela; mas depois escrevia para si e para os outros: «Bom é o que foi feito, mas quanto melhor é Quem o fez!»² Talvez devêssemos cultivar e desenvolver mais certos sentidos espirituais que nos ajudam a ver, a gozar, a entusiasmar-nos pelo mistério de Deus, mistério cuja beleza supera infinitamente tudo e todos.

Ao olhar para a Trindade *o nosso olhar atinge duas direções*. Paremos para observar individualmente cada uma

¹ MECTILDE DE BAR, *L'anno litúrgico*. Milão: Glossa, 1997, p. 263.

² SANTO AGOSTINHO, *Diálogos*, 65/A,4.

das Pessoas divinas e, ao mesmo tempo, maravilhemo-nos com o mistério da unidade que caracteriza essas três Pessoas: trindade e unidade, portanto. E assim *iremos descobrir que a vida é um ir para o Pai pelo Filho no Espírito*. Bastaria esta indicação do caminho interior para preencher uma vida. Tantas vezes ouvimos esta expressão! E tantas vezes a rezamos na doxologia conclusiva da oração eucarística: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós Deus Pai onnipotente, na unidade do Espírito Santo...». Aí encontra-se o sentido da nossa vida.

No Génesis (18,2-3) é descrito o encontro de Abraão com os três personagens misteriosos, que depois são a imagem das três Pessoas da Trindade. Abraão apreende primeiro a identidade individual e depois apreende algo da sua identidade única. Na sua intervenção, de facto, inicia com o plural e termina no singular. Meditando sobre este mistério, queremos nós também continuamente passar do singular ao plural, da Unidade à Trindade de Deus.

Diz-se que olhar significa ser preenchido com tudo aquilo que se olha. Esta é uma boa verdade: porque quando olhamos algo ficamos impressionados com aquilo que é objeto da nossa observação. A nossa mente e o nosso coração ficam cheios daquilo que vemos. Do mesmo modo queremos permanecer cheios da Trindade que nos propomos a olhar e a contemplar. Deste modo faremos experiência da eternidade. Não é verdade que a eternidade não será outra coisa senão olhar face a face o mistério trinitário e ser cheios eternamente?

Dizia São Gregório Nazianzeno que desejava estar «lá onde está a Trindade, onde o fulgor se une com o

esplendor, Trindade cujas sombras confusas me enchem de emoção»³. No mistério da Trindade de Deus também as «sombras confusas» e as zonas de sombra que o olhar humano não consegue penetrar enchem-nos de emoção e de admiração.

O ícone da Trindade de Andrei Rublëv

Lembremos *alguns elementos históricos para enquadrar as origens deste maravilhoso ícone*. Devemos recordar um santo da Igreja russa, São Sérgio de Radonege, que viveu entre 1313 e 1392. É considerado como um padre da unidade da Rússia. Não escreveu tratados sobre a Trindade, mas toda a sua vida foi votada à Trindade e, após muitos sacrifícios, conseguiu dedicar à Trindade a igreja que lhe foi confiada.

Dezassete anos após a sua morte, um seu discípulo solicitou a Andrei Rublëv, celeberrimo iconógrafo daquele tempo, a realização de um ícone da Santíssima Trindade que foi colocado nessa igreja. Rublëv, juntamente com um seu companheiro, Daniel, pôs mãos à obra. É interessante ler a história desta realização.

Um historiador refere que, de facto, os dois artistas, nos momentos de repouso, sentavam-se e contemplavam a sua obra que estava a ganhar forma. E olhavam para ela sem descanso, sem distrações, de tal maneira que, da visão daquelas figuras, ambos subiam até ao mistério de Deus. Logo aí eles mesmos ficaram impressionados com a obra que queriam concluir.

³ SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO, *Poema* 11.